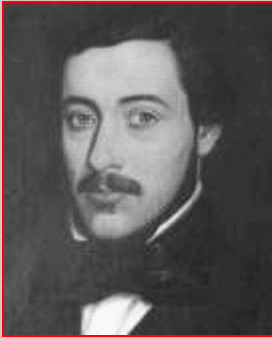


Luís Mouzinho de Albuquerque



Maria da Fonte, Emboscada e Patuleia

1846

Há uma conspiração permanente contra as instituições actuais, contra a ordem estabelecida, e mãos ocultas que manejam estas conspirações,... a revolução do Minho é uma revolução diferente de todas as outras, que até hoje têm aparecido, porque todas as outras revoluções têm tido por bandeira um princípio político, mais ou menos, mas esta revolução é feita por homens de saco ao ombro, e de foice roçadora na mão, para destruir fazendas, assassinar, incendiar a propriedade, roubar os habitantes das terras que percorrem, e lançar fogo aos cartórios, reduzindo a cinzas os arquivos!. Que é levada a cabo sem chefe pela mais ínfima classe da sociedade, havendo um bando de duas mil e quatrocentas, a três mil pessoas armadas, com foices roçadoras, alavancas, chuços, espingardas, com tudo quanto eles podem apanhar, impondo-se tomar medidas enérgicas e fortes, a fim de a espada da lei cair sobre as suas cabeças (António Bernardo da Costa Cabral em 20 de Abril, num discurso proferido na Câmara dos Deputados).

●No ano da morte de Silvestre Pinheiro Ferreira, quando Garrett publica *Viagens na Minha Terra*, obra escrita três anos antes, Alexandre Herculano (1810-1877) lança o I Vol. da *História de Portugal*, obra dedicada ao príncipe D. Pedro, e o visconde de Santarém edita em Paris o *Corpo Diplomático Português*. O companheiro de Manuel Fernandes Tomás, José Maria Xavier Araújo (1786-1860), antigo membro do Sinédrio, publica *Revelações e Memórias*, destacando-se também Simão José da Luz Soriano (1802-1891), com *História do Cerco do Porto*, 2 vols., 1846-1849. Por seu lado, Alves Martins tenta fundar no Porto um núcleo católico-liberal em torno dos jornais *O Nacional* e *A Esperança*. Vive-se um mau ano agrícola, com grande seca e praga nas batatas, o que leva a um aumento de preços e à consequente insatisfação dos povos. Entretanto, João Maria Ferreira do Amaral toma posse como governador de Macau (21 de Abril). Na Grã Bretanha o governo *tory* de Robert Peel vai revogar as *cor laws*, o que leva à dissidência da ala proteccionista de Benjamin Disraeli e surge um novo papa, Pio IX..

●**Pelo centro excêntrico!** Luís Mouzinho de Albuquerque proclama-se *excêntrico a todas as parcialidades, a todas as exclusões, a todas as intolerâncias, mas concêntrico com a nação, defendendo que a nação seja governada para a nação e pela nação. Quer ser governada no interesse de todos, e não no interesse de alguns; quer ser governada pela influência colectiva de todos, e não pela*

influência exclusiva de uma parcialidade; que o concurso de todas as virtudes, de todos os talentos, de todas as proibidades para presidir aos seus destinos, sem distinção de cores, sem exclusões partidárias.

●Assume a *bandeira nacional*, que seja *excêntrica a todas as paixões, a todos os ódios, a todas as vinganças, em nome do desejo do povo que não aspira à governança,*

mas sim à felicidade. A opinião que representa quer o governo representativo, não em nome, mas em realidade. Quer um regime, verdadeiro e sincero; quer ser governada com justiça, com verdade e com amor; porque mal dos povos que não são governados com amor, mal das nações que são regidas sem sinceridade.

● **Porque a força oprime temporariamente as nações, e as nações têm a faculdade de renascer pela reacção contra a força; mas da gangrena moral ninguém ressurge, não é essa gangrena uma das fermentações tumultuosas que transformam uns produtos em outros; é a fermentação pútrida, que destrói radicalmente o ser orgânico, que desagrega, que dispersa os átomos componentes** (23 de Janeiro).

● **Contrato dos tabacos** – Arrematado por doze anos o contrato de tabaco, sabão e pólvora a José Eugénio de Almeida (n. 1812).

● **Pelas leis fundamentais!** *O comum dos homens, se conduz melhor pelos seus hábitos, que pelo juízo, pelo que a regra vulgar da política, e recebida em todas as Nações, e em todos os séculos, que as Leis fundamentais, e Políticas (dos) Estados, se não devem alterar, sem uma absoluta necessidade, que he só quando elas são contrárias à recta razão, e opostas ao bem público; e que neste caso único, ainda a alteração, e mudança se deve operar muito lenta, e imperceptivelmente aos homens, porque a antiguidade de qualquer estabelecimento, e Leis, sempre foi tido por coisa Santa e venerável. E isto porque os costumes dos Povos necessitam do socorro das Leis para serem mantidos; e as Leis tem precisão dos costumes dos Povos, para serem observadas.* Palavras de Cândido Figueiredo e Lima (1782-1851), lente saneado e conspirador miguelista, defendendo o modelo constitucional britânico.



● **Maria da Fonte.** A sublevação anti-situacionista terá começado em Santo André de Frades, concelho da Póvoa do Lanhoso, em 19 de Março, com a populaça a revoltar-se contra o governo dos Cabrais por causa da Junta de Saúde e das *bilhetas*. Prendem-se algumas mulheres e logo ajuntamentos vão soltá-las, arrombando as cadeias, protestando contra o despotismo dos administradores e empregados e enfrentando os soldados, que se apresentam como a mão longa da capital. A populaça assalta as repartições queimando os papéis das finanças, com muita gente armada de roçadora. Depressa se propaga ao Minho, sob a liderança de padres como Casimiro José Vieira, João do Cano, Manuel das Agradas e José da Laje. A própria cidade de Braga chega a estar ameaçada pelos populares dos arredores e até há um ataque a Guimarães (14 de Abril).

● **Todo um povo em massa** – – A contribuição de repartição, e o imposto sobre os mortos foi o rastilho...o cálice das amarguras estava cheio, e a bolsa dos povos inteiramente vazia... era todo um povo em massa, todas as Cidades, Vilas e Aldeias de um reino a exprimirem o mesmo pensamento com a mesma energia e pela mesma forma. Foi um facto grandioso e virgem (palavras do miguelista João de Lemos, em 18 de Março de 1847, em carta a D. Miguel).

● **As fogueiras da revolta** – *Pedi um palito de fogo, que apareceu de pronto e aceso, disse alto que eram aqueles os papéis da nossa desgraça, cheguei-lhes o fogo e mandei-o chegar também a todos os papéis que estão no chão, porque entendi que já se lhes não podia valer. Com isto ficou o povo mui contente, a olhar para mim com agrado, por ver que eu estava do seu partido, por ser padre, o único dessa classe que ali aparece, e por andar mais limpo do que os que estão presentes. Começou logo o povo a respeitar-*

me e a sacudir-me a gola de veludo da capa as cinzas dos papéis que vinham pelo ar, e nela me caíam (Padre Casimiro). E eis o guerrilheiro a achar-se metido na revolução sem o procurar nem querer, sem nada saber de guerra e até sem nada saber de política, nem dela me importar em tempo algum, apesar de considerar-se realista, ou legitimista, que pugnava pela Religião Católica, acreditando num plano da Providência, porque vejo marchar todo o povo unânime e com o mesmo entusiasmo para um ponto, sem ser chamado por alguém, fez-se chefe, sem autorização alguma, mas recebendo-a do mesmo povo, porque, para vencer seria necessário que a força de todos os indivíduos se tornasse numa só pela união, e que isto só se conseguiria pela obediência a um chefe, e que eu, comprometido como me achava, me ofereci para o comando geral; mas que a minha autorização só do povo me podia provir, para eu poder castigar com penas severas os delinquentes e os desobedientes.

● **Uma revolução diferente** – Em discurso na Câmara dos Deputados, António Bernardo da Costa Cabral, depois de reconhecer que há uma conspiração permanente contra as instituições actuais, contra a ordem estabelecida, e mãos ocultas que manejam estas conspirações, reconhece que a revolução do Minho é uma revolução diferente de todas as outras, que até hoje têm aparecido, porque todas as outras revoluções têm tido por bandeira um princípio político, mais ou menos, mas esta revolução é feita por homens de saco ao ombro, e de foice roçadora na mão, para destruir fazendas, assassinar, incendiar a propriedade, roubar os habitantes das terras que percorrem, e lançar fogo aos cartórios, reduzindo a cinzas os arquivos!. Que é levada a cabo sem chefe pela mais ínfima classe da sociedade, havendo um bando de duas mil e quatrocentas, a três mil pessoas armadas, com fouce roçadoras, alavancas, chuços, espingardas, com tudo quanto eles podem apanhar, impondo-se tomar medidas enérgicas e fortes, para a espada da lei cair sobre as suas cabeças (20 de Abril).

● **A primeira queda dos Cabrais** – José Bernardo é enviado para o Porto, com plenos poderes para dominar as revoltas (21 de Abril). Entretanto, em 7 de Maio, uma série

de deputados pede a demissão do governo. Costa Cabral ainda começa por desdenhar da movimentação, mas em 17 de Maio já o governo é obrigado a apresentar a respectiva demissão.

● **Pés fresco e pata ao léu.** O ódio ao novo Estado é tal ordem que os revoltosos começavam quase sempre incendiando as delegações locais da fazenda, eliminando os registos e supondo que assim deixariam de pagar contribuições. Em breve este grupo de *pata ao léu* passa a ter a colaboração e o enquadramento dos *pés frescos* do setembrismo, formando-se, por todo o reino, juntas revolucionárias a partir dos gabinetes locais da *coalizão* oposicionista. A primeira surge em Vila Real, presidida pelo morgado de Mateus. Estudantes de Coimbra deslocam-se à Figueira da Foz e assaltam o forte de Santa Catarina. Passos Manuel preside à junta de Santarém. Em Braga é o visconde do Valongo.

● **Intervenção dos miguelistas** – O movimento das guerrilhas, a partir de Maio, é politizado, quando vários miguelistas passam a apoiar as juntas, com Francisco de Lemos Ramalho Azevedo Coutinho em Coimbra, Povoas na Guarda e Visconde da Azenha em Guimarães. Entretanto, D. Miguel é aclamado rei em Valpaços e Montalegre, nos dias 14 e 16 de Junho. Em Trás-os-Montes, os miguelistas passam a ser comandados militarmente por Bento Gonçalves de Moura e Paulo Mauriti. Em Julho e Agosto, há levantamentos do mesmo teor no Minho, sob o comando de Francisco de Abreu Coutinho e do irmão, José Maria Coutinho de Abreu, principalmente na zona Norte. Na zona de Braga destaca-se Aboim da Nóbrega. Há também levantamentos na Beira Litoral, na Beira Baixa e nos arredores de Lisboa.

● **Setembristas contra miguelistas** – O governo de Palmela nomeia o conde das Antas para enfrentar as revoltas miguelistas em 24 de Agosto, mobilizando-se os setembristas contra os miguelistas. Usam-se também alguns padres liberais e criam-se batalhões de forças populares, nomeadamente os comandados pelo cónego Francisco de Montalverne.

● Em Agosto de 1846, o **Grande Oriente Lusitano** deixa de ser comandado por António Bernardo da Costa Cabral, assumindo as funções de grão-mestre de

facto o visconde da Oliveira. Encíclica de Pio IX, *Qui Pluribus*, critica as *seitas secretas, vomitadas do seio das trevas para ruína da religião e dos Estados* (9 de Novembro).

● **Governo nº 19 (20 de Maio) Palmela** (140 dias). Uma solução de compromisso, com um gabinete que pretende assumir-se como um triúvirato dos três duques (Palmela, Saldanha e Terceira). Segundo José Miguel Sardica, queria *fazer navegação à bolina entre as parcialidades anticabralistas*.

● Numa primeira fase: presidente ocupa as pastas do reino, dos negócios eclesiásticos e justiça e da fazenda. Terceira na guerra e na marinha e ultramar (até 26 de Maio). Saldanha, que está em Viena, é nomeado para os estrangeiros, pasta que, contudo, é assumida por Terceira.

● Em 23 de Maio: Luís Mouzinho de Albuquerque na marinha, no mesmo dia em que a grave situação financeira obriga o governo, contudo, a decretar o curso forçado das notas de banco e a suspender os trabalhos de obras públicas, lançando cerca de dez mil pessoas no desemprego. Entretanto, na província, as juntas governativas, quase todas afectas aos setembristas continuam e as guerrilhas miguelistas ainda não tinham sido desarmadas.

● Em 26 de Maio: Luís Mouzinho de Albuquerque passa para o reino (até 19 de Julho); Saldanha na guerra, mas onde logo se faz substituir por José Jorge Loureiro que também passa a acumular a marinha; Conde do Lavradio nos estrangeiros; Joaquim Filipe de Soure na justiça. Terceira abandona o gabinete. Palmela mantém-se na presidência e na fazenda. Procura-se, assim, aprofundar o *meio-termo*, pela união de cartistas e setembristas moderados

● Em 19 de Julho: Palmela, mantendo-se na presidência, abandona a fazenda e regressa ao reino; saem Soure e Loureiro; Joaquim António de Aguiar na justiça; Sá da Bandeira na guerra; Luís Mouzinho de Albuquerque na marinha; Júlio Gomes da Silva Sanches na fazenda. Apesar da união conseguida entre cartistas moderados como Palmela, Sabrosa e Rodrigo da Fonseca, com setembristas dispostos à conciliação, como Luís Mouzinho de Albuquerque e Almeida Garrett, como observa Oliveira Martins, *a liberdade reinará sobre o vazio das ideias, com o absolutismo dos interesses*.

● **O diplomata contra a guerra** – Conforme observa Joaquim de Carvalho, a rainha optava pelo estilo daquele que *era mais diplomata do que governante* e que tentou *um parêntesis entre duas reacções*, através de uma *política de equilíbrio e de discreta transigência*. Acontece que se manifestavam então *quatro correntes, diversas, senão hostis...: a conservadora, procurando manter com homens diferentes a estrutura anterior; a da irritação contra o passado próximo, desejando destruí-lo; a da instauração de um regime novo; e, finalmente, a da política sedativa e de errata*, para continuarmos a citar o mesmo historiador. O novo governo pouco mais faz do que emitir uma proclamação com a promessa de encerramento das Cortes cabralistas e de revogação das leis sobre a saúde que proibia o enterramento dentro das igrejas (26 de Novembro de 1845) e a reforma tributária (1 de Julho de 1843): *a representação nacional será convocada assim que a tranquilidade do país o permita; pois só então pode esta representação ser verdadeira, e tratar competentemente dos negócios públicos*. Entretanto, os cabralistas zangam-se com Terceira e os setembristas não ficam satisfeitos e fazem logo ameaças. Palmela na noite do dia 21 de Maio chega mesmo a reunir-se com a oposição parlamentar, na qual se destaca o conde de Antas², e logo cede a algumas reivindicações desta, nomeadamente a demissão do comandante da guarda municipal de Lisboa, o cabralista D. Carlos de Mascarenhas, o marquês de Fronteira, promovendo também a imediata revogação da lei sanitária e da lei da reforma tributária. No dia 23 já é chamado para o governo, para a pasta da marinha e ultramar Luís Mouzinho de Albuquerque.



● **O programa do miguelismo populista** – O novo governo é *uma farsa e combinação das seitas para tudo ficar como até ali, com a mudança apenas de pessoas*. Fala de *opressões injustas que têm feito ao povo, tratando-o até agora como se fossem negros e escravos*. Pede à Rainha que nomeie para

toda a parte homens da maior integridade e desinteresse (...) homens escolhidos à vontade do povo; que se baixem os impostos; nomeadamente a abolição das portagens; que as magistraturas locais possam ser exercidas gratuitamente; que aos deputados se lhes façam os gastos da comida e transportes à custa do povo, mas que não embolsem dinheiro nenhum, para que depois não haja nas eleições tanto suborno, e o povo atine com a boa escolha. Propõe mesmo a constituição de um exército popular: quer também o povo...que nas guardas nacionais entre todo o homem voluntariamente...e que os oficiais sejam escolhidos por votação de todos os militares da guarda nacional. E não deixa de defender a instituição do sufrágio universal: as eleições para toda a espécie de justiça e autoridade sejam de todo populares sem excepção de pessoa, a não ser as que não lêem, nem escrevem, para evitar enganos e despertar a instrução, porque só assim se pode exprimir a vontade geral dos povos, que é a verdadeira lei (Padre Casimiro José Vieira, numa carta escrita a D. Maria II em 6 de Julho de 1846, depois de lida ao povo para saber se o que nela se dizia é a vontade de todos).

● **Novo decreto eleitoral** marca eleições para 11 de Outubro (27 de Julho), mas o diploma acaba por não se aplicar.

● **Um ministério nascido da tormenta** – Conforme observa Mouzinho da Silveira, *os cabrais fugiram para não serem assassinados pela vingança geral; mas foram aparecendo nos grupos do povo homens moderados e proprietários sem cor exclusiva em política, porque eram cartistas, setembristas e miguelistas e mesmo o maior número e mais salientes eram cartistas, e moderavam a revolução, reduzindo-a à pura resistência aos cabrais, mas sem invocar novo sistema político e sem desacatar a Rainha em alguma palavra... O ministério nasceu da tormenta e não podia desde logo nascer forte para comprimir as ambições contrárias ao amor do justo; mas quando aceitou o cargo fez um grande serviço à humanidade e ao Trono; ele pôde em pouco tempo remeter para os seus lares o povo sublevado justamente, nem devia, nem podia, conservá-lo armado, nem dirigido por mais de um centro*

● **Governo nº 20** (desde 6 de Outubro) **Saldanha** ²⁷ (987 dias, durante cerca de trinta meses). Saldanha, regressado da embaixada de Viena em 23 de Julho seguinte, logo se passou para o cabralismo e, com o apoio do Paço, promove o golpe de Estado da *emboscada*, surgindo um novo governo *cabralista sem cabrais*. Uma espécie de pequena viradeira, onde, como observa José da Silva Carvalho, *mudou o ministério, foram restituídos aos seus comandos os que a revolução havia tirado, tudo permaneceu em sossego, nesse período dos*



maçónicos, desses juízes e generais, quase todos mindeleiros, mas que haviam permanecido na segunda fila do processo devorista, devorando, mas não governando.

● **Presidente acumula a guerra e interinamente os estrangeiros.** Marcelino Máximo de Azevedo e Melo, visconde da Oliveira, no reino (até 28 de Abril de 1847) e na fazenda, até 13 de Outubro de 1846. José Jacinto Valente Farinho nos negócios eclesiásticos e justiça (até 28 de Abril de 1847). D. Manuel de Portugal e Castro, na marinha e ultramar (até 28 de Abril de 1847). Visconde da Carreira nos estrangeiros, que não assume as funções, sendo substituído imediatamente por Saldanha (estava ministro plenipotenciário em Paris).

● Um governo marcado por sucessivas recomposições ministeriais que eram verdadeiros balões de oxigénio com os quais Saldanha procurava não já fortalecer-se no poder, mas apenas conservá-lo até ao momento de o poder transmitir ao Conde de Tomar, dado que o chefe do governo se mostrou sempre desejoso de conciliação, e, se não foi perseguidor, tornou-se efectivamente incapaz.

● Em 13 de Outubro: Visconde de Algés, José António Maria de Sousa Azevedo na fazenda, até 20 de Fevereiro de 1847. O novo ministro, segundo Silva Carvalho, até *queria dar Goa a Inglaterra para que ela nos fizesse um bom donativo de dinheiro*

● Em 4 de Novembro: José António Maria de Sousa Azevedo, Visconde de Algés na

guerra, mantendo-se na fazenda. D. Manuel de Portugal e Castro nos estrangeiros.

●**Patuleia** O Duque da Terceira, nomeado delegado da Rainha no Norte, depois de passar revista às tropas no Terreiro do Paço, embarca com destino ao Porto (8 de Outubro).

●As juntas nascidas durante a Maria da Fonte começam a reorganizar-se e a revolta alastra por todo o país, amotinando-se várias localidades nas próprias vizinhanças de Lisboa, como Sintra, Torres Vedras, Caldas da Rainha e Alcobaça. Surgem guerrilhas por todo lado. O governo e a banca juntos tentam armar gente, mas só conseguem 3 000 homens sob o comando de D. Fernando.

●**Setembristas legitimam o canalhismo** – Como observa Camilo Castelo Branco, se o fermento azedo que fez levedar a revolução de 1846, foram as assuadas das mulheres à volta dos cadáveres exumados, o que seria irrisório se não fosse bestialmente repugnante, eis que o setembrismo resvalou dos seus briosos princípios avançados, porque estes ao preconizarem ... um tumulto fanaticamente alarvejado como estimulante de evolução progressista foi descaro que transcende todos os maus costumes da devassa Política. Arguíam a rainha e os seus ministros predilectos como retrógrados, escarneciam a religião nos prelos e nos templos, e ao mesmo tempo insinuavam no clero miguelista do Minho que acirrasse a plebe boçal contra a lei ímpia que proibia as inumações na terra das igrejas. Os de Setembro, espíritos fortes e demolidores dos preconceitos inveterados, desonraram-se legitimando o canalhismo do motim popular nos adros e o incêndio dos arquivos nas regedorias e nas câmaras

●**De novo a Guerra Civil** – Começa a sublevação no Porto (10 de Outubro). Terceira, que tinha sido enviado à cidade, é, de imediato, preso. Os revoltosos, designados por Patuleias, pegam em armas. Conde das Antas, vindo de Braga assume o comando militar da sublevação (10 de Novembro). Preside à Junta e tem José Passos (1800-1863) como vice-presidente. Circulam manifestos: *a revolução do Minho, a revolução mais gloriosa da nação Portuguesa foi traída pela Soberana*. Outros líderes da revolta são António Dias de Oliveira e António Luís de Seabra, todos

maçons, sendo também marcante a Junta de Coimbra, liderada por José Alexandre de Campos.

Eia avante! Eia avante!

Eia avante! Não temer!

Pela santa liberdade,

Pelejar até morrer!

●**Saldanha pede a intervenção das potências** da Quádrupla Aliança, alegando o surgimento de uma revolta miguelista (13 de Outubro). Espanhóis mandam logo um corpo de intervenção para as fronteiras. Cabral é embaixador em Madrid. Em Londres, Palmerston diz não haver miguelistas e impede a intervenção espanhola. Como salienta Oliveira Martins, *nós, em casa, evidentemente não tínhamos força para nos governarmos; e depois de doze anos de liberdade, o Portugal novo achava-se, como o antigo, dividido em duas fracções sem que nenhuma tivesse poder bastante para submeter a contrária*.

●**Ganhar o coração dos homens...** A máxima vulgar da política, e adoptada na Arte de Reinar, pelos mais graves homens de Estado, que é preciso ganhar o coração dos homens, para se submeterem de vontade; e que, quanto for possível, se devem conduzir sem coacção pela boa ordem, e pela esperança das recompensas (Cândido Figueiredo e Lima).

●**Conde das Antas parte do Porto**, em direcção ao Sul, com um exército patuleia, onde participam cartistas, setembristas e miguelistas (14 de Outubro).

●**D. Maria II escreve à Rainha Vitória**, pedindo-lhe ajuda e criticando o marquês de Loulé (30 de Outubro).

●**Patuleias em Santarém** – António César Vasconcelos Correia, ao serviço da Patuleia, já domina Santarém (11 de Março). Coluna de Mouzinho de Albuquerque sai desta cidade (11 de Outubro).

●**Intervenção da hierarquia miguelista** – Só em Novembro de 1846 é que o Padre Casimiro José Vieira passa a alinhar com a hierarquia miguelista, que apenas aproveita a chamada *onda* para tentar desencadear a *catarata*. A guerrilha, já integrada na rede que visava a restauração, tem extensões no Poto (Padre Luís Sousa Couto), Viana do Castelo (António Tavares), Trás-os-Montes (Cândido Figueiredo e Lima) e Lisboa (morgado de Vale de Perdizes). Macdonell

começa a movimentação em 11 de Novembro em Castelo de Paiva.

● **Wylde**, o mediador inglês, encontra-se com o conde das Antas e Luís Mouzinho de Albuquerque, como representantes do exército patuleia, nos arredores de Santarém (13 de Novembro).

● Sá da Bandeira é derrotado em **Valpaços** pelas tropas do barão do Casal (16 de Novembro) e quando regressa ao Porto, é atacado pelas **guerrilhas miguelistas** de Mac Donnell, na zona de Paiva (19 e 20 de Novembro). José do Telhado, ou José Teixeira da Silva (1816-1875), bandido da região do Douro, apoia os setembristas, tendo salvo a vida a Sá da Bandeira.

● No **Alentejo**, os patuleias são comandados pelo general Celestino, futuro visconde de Liceira, por Bonfim e pelo conde de Melo, sendo agitados pelo guerrilheiro Galamba, um farmacêutico. Já os governamentais são comandados por Schwalbach.

● Saldanha vence os patuleias em **Torres Vedras**, destruindo as forças do conde de Bonfim (22 de Dezembro). Cerca de três centenas de baixas entre os anti-governamentais.

● **Morte de Luís Mouzinho de Albuquerque**, ferido gravemente no combate de Torres Vedras (27 de Dezembro).

● Tropas miguelistas, comandadas por Macdonell, são dizimadas em **Braga** pelo barão do Casal (20 de Dezembro), sendo obrigadas a retirar para Vila Real, onde chegam em 21 de Janeiro de 1847. Macdonell encerrará a sua louca intervenção, onde não faltaram intensos dias de libações, com a morte, em 30 de Janeiro.

● **O Espectro** – Surge o jornal-panfleto *Espectro*, dirigido por António Rodrigues Sampaio em Dezembro. Distribui-se clandestinamente e imprime-se em vários lugares, nomeadamente numa fragata surta no Tejo. Aí se fazem ferozes ataques à família reinante: *a realeza vilipendiada não é somente inútil, é um mal. Porque uma rainha que se declara seis meses coacta em cada ano não é rainha. E o paço é a espelunca de Caco, onde sempre se têm reunido os conspiradores. A púrpura dos reis tem servido para varrer a imundície dos palácios e dos cortesãos mais abjectos.*

● **Camilo Castelo Branco na guerrilha** –

Camilo, de família miguelista, depois de ter participado nas guerrilhas deste teor, quando era estudante de Coimbra, sendo mobilizado pela coluna de Milhúndres, que conquistou Penafiel. Em Setembro de 1847 foi, entretanto, agredido por um caceteiro do governador cabralista de Vila Real, José Cabral Teixeira de Morais, por não ter tirado o chapéu a este. Interroga-se, entretanto: *Porventura, devo culto ao déspota, porque vejo um cacete que pode espancar-me?. É que o despotismo não tem direitos: - tem a força bruta; e mal daquele que não pode contrapor-lhe o ferro com o ferro, o cacete com o cacete, e o sentimento brutal com a degradação do raciocínio. Depois que o vislumbre de humanidade se apagou no coração, quebrados estão os vínculos sociais, e rotos os aços de parentesco com os outros homens: a sensibilidade torna-se ferro - o semblante de horror; e de afronta as vozes, o ar, as ideias, e o nome. Ninguém há que não sinta a aspereza do despotismo, ao roçar--se por esse cadáver despojado de moralidade, de impressões dolorosa e de consciência do bem; aí não há mais que vitupérios, calúnias, e um fragmento do mundo irracional, que nos ensina a conhecer as galas da razão (Delitos da Mocidade, 1889).*

📖 Agostinho, José (III): 185 ss.; Bonifácio, Maria de Fátima (2002): 43 ss.; Branco, Camilo Castelo (*Memórias...*): 48; Brissos, José: 82 ss.; 214 ss.; Fronteira (VII): 6 ss, 14 ss.; Lavradio (III): 199, 209, 210; Martins, J. P. De Oliveira (1881, II): 85, 159, 171, 179; Peres, Damião /Carvalho, Joaquim (VII): 304, 305; Santos, António Ribeiro dos: 165, 168; Sá, Victor de (1969): 271 ss.; Sardica, José Miguel (2001): 53 ss.; Silva, Armando B. Malheiro da (1993): 85; Valente, Vasco Pulido (1997): 49, 51, 127 ss.; Viana, António (*José da Silva Carvalho...*, II): 456; Vieira, Padre Casimiro José: 76, 84, 167, 169